

Duas novas mostras movimentam a



Pedro Varela, *Ghosts*, 2025
Foto: Divulgação

Rosana Palazyan, *Rosa Daninha?*
Foto: Divulgação



APARIÇÃO, individual de Pedro Varela, reúne pinturas inéditas e uma instalação em papel, sinalizando uma virada na trajetória do artista, que deixa o universo digital para explorar os medos e fantasmas da identidade.

COSTURAR SENTIDOS apresenta obras têxteis e derivações da costura como eixo central de criação – o gesto de costurar como metáfora de identidade, memória e afeto. Participam Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyan e Yolanda Freyre. Cecilia Fortes assina a curadoria das duas mostras

ENTRE SOMBRAS E SILÊNCIOS, PEDRO VARELA TRANSFORMA INQUIETAÇÕES EM IMAGENS NA INÉDITA “APARIÇÃO”



Aparição Angústia
Foto: Divulgação



The Mistake of trusting you, 2025

Foto: Divulgação

Conhecido por investigar a cultura de massa e o imaginário digital, Varela se afasta, nesta nova fase, do universo dos memes e das imagens das redes sociais para mergulhar em uma dimensão mais íntima e subjetiva, marcada por questões de identidade, medo e angústia. “É uma virada na minha produção”, afirma o artista. “Aqueles inquietações que antes apareciam mediadas por ícones da cultura de internet agora surgem de forma direta, como aparições que emergem do inconsciente.”

Segundo a curadora Cecília Fortes, as obras apresentadas em *Aparição* dão continuidade à pesquisa de Pedro Varela sobre a geração ansiosa. “O artista retoma

a série de florestas, agora numa paleta em preto e branco, e nelas incorpora figuras fantasmagóricas e formigueiros de palavras, que provocam o espectador. De forma irônica, Varela joga com dualidades como claro e escuro, belo e caricato. Um dos destaques é a instalação de recortes em branco sobre branco, uma proposição de silêncio e pausa em contraposição ao turbilhão de estímulos vivenciados pela sociedade contemporânea”, comenta Cecília.

A exposição é marcada pela tensão entre luz e sombra, preto e branco, e o silêncio e o ruído. A começar por *Arquipélago*, instalação inédita composta por papéis recortados e fixados com alfinetes, cujas sombras projetadas sobre a parede criam um delicado jogo entre presença e ausência.

Entre as pinturas, há uma galeria de figuras humanas que oscilam entre o sonho e o assombro. Feitas sem o uso de referências diretas, surgem como presenças fragmentadas: algumas serenas, outras deformadas ou ca-ricatas, como se emergissem de uma floresta sombria. As palavras e frases também se manifestam como aparições.

As plantas, recorrentes na obra de Varela, reaparecem como entidades simbólicas. “Sempre pensei nas plantas como personagens que comentam sobre nossa identidade tropical”, observa o artista. “Nesta exposição, essa flora imaginária assume ainda mais nitidamente o papel de espelho da nossa natureza interior.” O vermelho-sangue de obras como *Vertido 2* introduz uma nota de tensão. Ambíguo, o tom evoca tanto a vitali-

dade que pulsa nas veias quanto o aspecto visceral e quase gore de uma subjetividade em crise.

SOBRE O ARTISTA

Pedro Varela (1981, Niterói, RJ) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua obra aborda questões relacionadas à paisagem, à representação e às narrativas visuais da contemporaneidade. Ao longo de sua trajetória, desen-

volveu uma linguagem singular que combina ironia, delicadeza e crítica cultural, articulando elementos do imaginário urbano e digital com referências à história da arte.

Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, e tem obras em coleções públicas e privadas.

Formigueiro

Foto: Divulgação



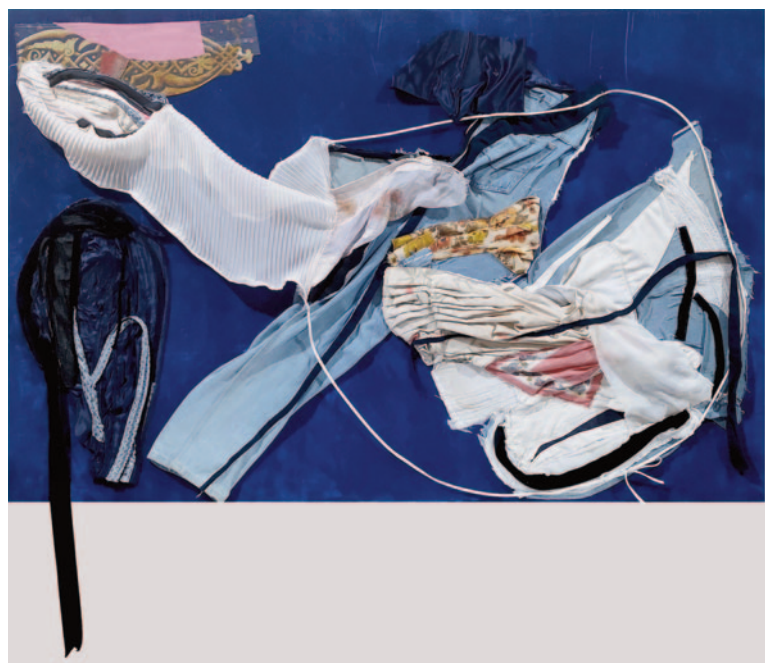
“COSTURAR SENTIDOS”, COLETIVA SOBRE A POÉTICA DA COSTURA

Bordado, tecido, pintura, colagem e poesia se entrelaçam em *Costurar Sentidos*, exposição coletiva sob a curadoria de Cecília Fortes. A mostra reúne obras têxteis e derivações da costura como eixo central de criação, explorando o gesto de costurar como metáfora de identidade, memória e afeto.

“São trabalhos permeados por motivos relacionados à construção e à afirmação de identidade, ao resgate de memórias afetivas e à resignificação de sentidos. Falam de questões sociais e temas sensíveis aos autores, ao mesmo tempo em que expressam as suas origens e o caminho percorrido ao longo da jornada pessoal e artística”, afirma Cecília Fortes.

Participam da exposição Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyan e Yolanda Freyre. A seleção, inicialmente orientada pela técnica, acabou revelando pontos de convergência poética entre as obras, que dialogam com o universo da costura e suas ressonâncias simbólicas.

Em colagens têxteis e instalações de grande escala, Arthur Chaves transforma roupas e tecidos em pintura e matéria narrativa, evocando lembranças de infância ligadas ao ateliê de costura de sua mãe. Dani Cavalier aproxima a tecelagem da pintura em suas “pinturas sólidas”, feitas de lycras tensionadas sobre chassis de



Obra de Arthur Chaves

Foto: Divulgação

madeira, em composições que revelam o processo de criação como uma trama aberta de tempo e gesto.

Radicada em Bordeaux, Duda Moraes apresenta a série *Textile*, produzida com tecidos de descarte de lojas de estofamento francesas. Em veludos e sedas de tons invernais, a artista cria jardins têxteis que costuram sua vivência entre o Brasil e a França.

Jeane Terra desenvolve autorretratos em “peles de tinta” costuradas, numa reflexão sobre identidade, ancestralidade e fragmentação da memória. Uma colcha de reta-



Duda Moraes, *Textile*, 2022

Foto: Divulgação



Obra de Jeane Terra

Foto: Divulgação

Ihos simbólica em que cada cor, chamada pela artista de “cor matriz”, carrega a gênese das demais.

Em *Lagoa-mãe*, Renato Bezerra de Mello borda o contorno da Lagoa Rodrigo de Freitas como possivelmente era no século XIX, evocando uma paisagem afetiva que, desde sua chegada ao Rio, tornou-se um ponto de equilíbrio e contemplação.

No *container*, no terraço da galeria, Rosana Palazyan exhibe o vídeo *Rosa Daninha?*, derivado de um livro-objeto bordado pela artista. A obra estabelece um paralelo entre plantas e pessoas

Renato Bezerra de Mello, *Lagoa-mãe*
Foto: Pat Kilgore



consideradas “daninhas”, propondo uma poética sobre exclusão, resistência e convivência.

Completando a mostra, Yolanda Freyre apresenta sua série de “*poemas em varal*”, escritos em aquarela e bordados sobre cambraia. Em versos delicados – como *Ave em arribação*, que fala de existência, finitude e renascimento – a artista transforma palavra e linha em matéria de afeto.

De acordo com a curadora, “*Costurar Sentidos*” propõe um encontro entre o gesto manual e a introspecção poética: um espaço onde o fio, o tempo e o afeto se entrelaçam na tessitura de novas narrativas visuais.

PERFORMANCE DE YOLANDA FREYRE

No dia 4 de novembro, às 18h, Yolanda Freyre realizará a performance “*Cambraias*”. Na ação, a artista visual

ativa sua mais recente série de trabalhos concebidos a partir de tecidos de cambraia, sobre os quais escreve e borda poemas – “*poemas em varal*”, como ela define. A performance propõe uma extensão poética dessas obras, criando um espaço ritualizado de leitura, gesto e presença.

SERVIÇO

Aparição, de Pedro Varela

Costurar Sentidos – Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyran e Yolanda Freyre

Até 22 de novembro

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea,
Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br



Yolanda Freyre,
Poemas em Varal

Foto: Jaime Acioli